

WALBA TALLAN



**A ARTE DE SER
UM PERFEITO
MAU PROFESSOR**

Malba
1962

MALBA TAHAN

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR

Para conseguir a grandeza de um povo são necessários, antes de tudo, bons mestres.

CONSUELO SANCHEZ BUCHON
Pedagogia, Rio, 1958, pág. 158.

Se existe profissão que exija vocação profunda é a do mestre e educador.

GEORG KERSCHENSTEINER
In Escola Secundária, M.E.C., pág. 15.

Ouçam as palavras os que têm ouvidos; pois que o último será sempre o primeiro e, dos chamados, poucos são escolhidos.

ITACY DE SOUZA TELLES
Palavras que não morrem,
Rio, 1963, pág. 76.

CASA EDITORA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144 — Rio de Janeiro

OBRAS DO PROF. MELLO E SOUZA

MATEMÁTICA FÁCIL E ATRAENTE (Esg.).
HISTÓRIAS E FANTASIAS DA MATEMÁTICA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E CURIOSA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E FABULOSA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E PITORESCA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E DIFERENTE (Esg.).
MATEMÁTICA SUAVE E DIVERTIDA (Esg.).
DIABRURAS DA MATEMÁTICA.
DICIONÁRIO DA MATEMÁTICA — 1.º vol. — A e B.
DICIONÁRIO DA MATEMÁTICA — 2.º vol. — C, D, E e F.
O BOM CAMINHO (Leitura Moral e Religiosa).
GEOMETRIA ANALÍTICA — 1.º vol.
GEOMETRIA ANALÍTICA — 2.º vol.
O ESCÂNDALO DA GEOMETRIA.
TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA.
ALEGRIA DE LER.
TÁBUAS COMPLETAS E FORMULÁRIO.
MEU CADERNO DE MATEMÁTICA (Para o 5.º ano primário e admissão).
AL-KARISMI (Revista de Recreação Matemática).
AS GRANDES FANTASIAS DA MATEMÁTICA.
MATEMÁTICA PARA VOCÊ (Curso Ginásial — 4 volumes).
FOLCLORE DA MATEMÁTICA (Lendas, Histórias e Curiosidades).
MEU ANEL DE SETE PEDRAS (Lendas, Histórias e Curiosidades sobre a Matemática).
A LUA NA POESIA BRASILEIRA.
TUDO É FÁCIL (Matemática sob forma de leitura para a 3.ª série primária).
DIÁRIO DE LÚCIA (Matemática sob a forma de leitura para a 4.ª série primária).
Estes dois últimos foram publicados em colaboração com a Prof.^a Irene de Albuquerque.

Coleção de Ouro:

OS NÚMEROS GOVERNAM O MUNDO.
O INFERNO DE DANTE (Tradução).



Direitos exclusivos em língua portuguesa (Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas), adquiridos pela Casa Editôra Vecchi Ltda., Rio de Janeiro.

MCMLXVII

Printed in Brazil.

DEDICATÓRIA

Aos ilustres educadores brasileiros:

ADALBERTO MENEZES DE OLIVEIRA
ALFREDINA PAIVA E SOUZA
BENJAMIN ALBAGLI
CARLOS ALBERTO NÓBREGA DA CUNHA
EUNICE POURCHET
HELOISA MARINHO
JOAQUINA DALTRO
JURACY SILVEIRA
MANOEL BERGSTRÖM LOURENÇO FILHO
MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT
MARIO PAULO DE BRITO
PEDRO GOUVÊA FILHO
RAUL JOBIN BITTENCOURT

*que sempre se esforçaram, com
alto idealismo e contínua energia,
pelo engrandecimento da obra
educacional no Brasil.*

HOMENAGEM DO AUTOR

MALBA TAHAN
Caxambu, 1966.

AO LEITOR

Há livros, como se sabe, que devem todo seu êxito a um título feliz. Alguns se imortalizam e com eles os seus autores, unicamente, bem se pode dizer, devido ao título.

TRISTÃO DE ATHAYDE
O Crítico Literário.
Rio, 1945, pág. 37.

Vários colegas e amigos não concordaram com o título adotado para este livro "*A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor*". E vão alicerçar a sua opinião no seguinte argumento que, em parte, não deixa de ser justo: Um professor, que, por seus atributos negativos, mereceu o qualificativo de *mau* não poderá ser apontado como *perfeito*. O sentido real das palavras parece levantar um muro de antagonismo entre os dois adjetivos: *mau* e *perfeito*.

Aquilo que é *perfeito* não pode ser *mau*; e o *mau* não encontra lugar na galeria dos *perfeitos*.

O Prof. Aurelio Buarque de Holanda, em seu *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* oferece-nos as seguintes indicações:

Mau, adj. — Nocivo; irregular; difícil; imperfeito; funesto; travêso.

Perfeito, adj. — Acabado; sem defeito; primoroso (1).

(1) Os verbetes não foram transcritos na íntegra.

ÊSTE LIVRO E A VERDADE

... colocai em vossa alma, acima de tudo, o amor da Verdade.

PADRE LEONEL FRANCA, S. J.
Alocuções e Artigos,
Tomo I, 1954, pág. 225.

Queira Deus que êste livro, pelas valiosas citações que encerra, possa trazer algum esclarecimento didático aos bons e dedicados professores, isto é, àqueles que, educando e instruindo os jovens, fazem a grandeza de nossa Pátria. Reconhecemos que, em muitos pontos, fomos extremamente severos para com os *maus* professores. Mas, na verdade, só agimos dêsse modo, convencidos de que alertando as nossas autoridades (pais, diretores, inspetores, orientadores educacionais, chefes, etc.) podemos prestar bom serviço aos jovens educandos e, portanto, ao Brasil (1).

Mas o grande mérito do nosso trabalho vai depender de um fator que é, no caso, de um realce que transcende todos os objetivos: a *Verdade*.

Impõe-se, portanto, que não nos afastemos da *Verdade*. E no decorrer de nossas críticas e comentários a nossa preocupação precípua foi seguir o roteiro traçado por Adolphe Thiers (1797-1877). Declarou êsse notável estadista e historiador francês:

(1) Chamamos a atenção do leitor para esta declaração do Prof. Plínio Alvarenga:

"A maioria dos estabelecimentos de ensino no Brasil melhor seria que não existissem; são centros de desordem constante, onde tudo se pratica, menos o ensino como deveria ser praticado". Cf. PLÍNIO ALVARENGA, *O Ensino no Brasil*, 1940, pág. 7.

Acima de tudo, o exercício da sinceridade. A educação pelo estímulo e pelo interesse é educação para a ambição. A educação pelo sentimento e pela solidariedade é educação pela vocação. De um lado o idealismo que é crença; de outro lado, o racionalismo que é cálculo. Só a educação pela Vocação tem o sentido da Eternidade, desenvolve a Vontade, para não desmerecer, desperta a Fé, para não vacilar. E apaga o sinal azinhavrado dos tempos.

FERNANDO MAGALHÃES
Ob. cit., *Rev. Est.*, pág. 846

—○—

No Brasil só existe um problema nacional: A educação do povo.

MIGUEL COUTO
A Tragédia do Mestre Escola, 41 (*)

—○—

O primeiro objetivo da boa política deve ser a educação; o segundo, a educação; o terceiro, a educação.

JULES MICHELET
A Tragédia do Mestre Escola, 97

—○—

Não há melhor sistema de educação do que aquele que prepara o jovem para aprender por si mesmo.

JOSÉ MARTI
Curso da CADES, Apostilha

(*) Esse livro, no qual figura essa sentença de Miguel Couto, é da autoria do professor potiguar Mario Cavalcanti. Colabora, também, nesse livro, o ilustre folclorista Luiz da Câmara Cascudo. Apresenta um prefácio de Mons. José Adelino (Natal, RN., 1951).

CAPÍTULO I

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR E A SUA ORIGEM

Como surgiu a Arte de Ser um Perfeito Mau Professor. Conselhos dados a um jovem por um educador uruguaio. Como deve agir um pseudo-mestre, isto é, o falso educador.

Poderíamos tomar como epígrafe para este capítulo um pensamento famoso de Santo Agostinho: "Tal é a cegueira dos homens que até da própria cegueira se gloriam" (*Confissões*, 3,3).

Narremos o caso.

Um didata uruguaio, com larga experiência sobre questões de ensino, e que se oculta discretamente sob a máscara de um pseudônimo — DOMINE, — publicou na revista *Educacion y Cultura* (Montevideu, dezembro, 1944) uma série de vinte e cinco ou trinta conselhos dirigidos especialmente a um jovem, bisonho e inexperiente, que pretendia ingressar no magistério secundário.

O articulista montevidense, em tom meio faceto, interpelava o incipiente colega com esta surpreendente pergunta:

— Gostaria você de merecer o honroso título de um perfeito mau professor?

No caso afirmativo, segundo a douda opinião do esclarecido DOMINE, deveria o candidato tomar certas atitudes, seguir fielmente certos preceitos, não se afastar um milímetro da rotina,

pois só assim poderia dominar, e de maneira brilhante, a *Arte de Ser um Perfeito Mau Professor*. E ao praticar, com a máxima eficiência e segurança, essa ARTE, o jovem teria o "orgulho" (orgulho entre aspas) de ser incluído na imensa legião dos pés-simos cidadãos (sem aspas) que atassalham o ensino, desmoralizam a escola, aviltam a obra educacional nos recantos mais civilizados do mundo.

Como deve agir o pseudo-mestre, o falso educador, para ser considerado um *Perfeito Mau Professor*?

Seguindo, em grande parte, o roteiro curioso de DOMINE — o verdadeiro criador da nova *Arte* — e ilustrando-o com comentários didáticos, realçando-o com exemplos bem brasileiros, vamos apontar as atitudes falsas, impatrióticas e altamente condenáveis que o autêntico *Perfeito Mau Professor* adota, com inabalável perseverança, em suas atividades em classe.

Com a sigla *P.M.P.*, para abreviar a nossa exposição, passaremos a designar a figura tenebrosa do *Perfeito Mau Professor*. No caso do plural, seguindo, aliás, o sistema adotado na linguagem corrente, escreveremos, apenas, *P.M.P.s*. (*Perfeitos Maus Professôres*). Este plural é sempre profundamente lastimável.

Adotando, pois, o roteiro do cauteloso *Domine* limitaremos os nossos comentários à análise serena, desapaixonada, de trinta e poucas atitudes erradas (nocivas para a obra educacional) de certos professôres secundários e de alguns catedráticos de escolas superiores E' no Ensino Secundário e no Ensino Superior que proliferam, realmente, em larga escala, os autênticos *P.M.P.s*.

O magistério primário, com sua ação altamente patriótica, está totalmente fora da flecha certa de *Domine*.

Já declarou, certa vez, o saudoso educador paulista Sud Mennucci:

"O professor primário é o eterno incompreendido e o eterno sacrificado".

Os nossos legisladores esquecem esta sentença famosa de Victor Hugo (*Les Misérables*, III, 4, 1):

"O futuro da Humanidade está nas mãos do mestre-escola".

CAPÍTULO II

A IMPROVISACÃO E O ENSINO DO P.M.P.

É claro que o P.M.P. não prepara antecipadamente a lição. Nada de planos de aula; nada de roteiro prévio. O P.M.P. ensina sempre pela velha norma da improvisação.

Com a mesma simplicidade com que ingressa num cinema, ou num bar (para saborear um chope), entra o P.M.P. na sala de aula. Não tem a menor idéia do que vai ensinar, e como deverá orientar o seu trabalho. ⁽¹⁾

Em geral, já refestelado na cadeira, pergunta a um aluno:

— Que estávamos dando, mesmo, na última aula?

Um dos estudantes responde prontamente:

— Adjetivos!

O P.M.P. acode, no mesmo momento, como quem procura coordenar as idéias:

(1) Não se compreende, por exemplo, o ensino do Latim sem o comentário perfeito e interessante do trecho que é lido. Deverá o professor planejar esse comentário.

"O comentário — adverte a Prof.^a Clarice Lourdes das Neves — exige do professor segura orientação linguística, sólida formação clássica e capacidade de crítica. E aqui está a diferença entre o professor e o mágico: o professor não vai tirar do texto coisas ilusórias; vai, ao contrário, descobrir, desvendá-las, reviver o que está adormecido e isto exige percepção. O professor só poderá analisar fatos que ele percebe e conhece sólidamente para não correr o perigo de inventar coisas. Não pode o professor exibir uma erudição pedante mal ingerida". Cf. *E. S.*, n.º 1, pág. 32.

— Adjetivos? Então vamos estudar hoje os numerais! (*E' o único ponto que ele sabe, razoavelmente: fácil de ensinar*) (2).

E' no decorrer da aula que o P.M.P. improvisa exemplos, inventa perguntas e engendra exercícios. Os trabalhos extra-classe, imaginados, assim, de momento, tornam-se nulos ou rebarbativos. O P.M.P. é rotineiro por excelência. Não pratica jogos; nunca tentou o estudo dirigido; os trabalhos de equipe, para ele, nunca existiram. O método heurístico é um mito, uma espécie de disco voador dentro da Didática. Desconhece os recursos motivadores mais banais e corriqueiros. *Caderno dirigido?* E' outro mito. Lobisomem que mete medo ao professor preguiçoso e desleixado. O P.M.P., à semelhança do célebre almirante Nelson (3), acredita nas sereias, mas não acredita em caderno dirigido (4).

A verdade, afinal, é a seguinte: O P.M.P., em geral, dá aula pelo compêndio ou adota, em seu ensino, o método do ditado (ditado lido numa apostilha) ou segue religiosamente o sistema medieval da lição marcada (5).

Qual seria o dever do professor moderno? O Dr. Luiz Alves de Mattos, ao salientar os cuidados que deve ter o professor esforçado e cumpridor de seus deveres, escreve:

Incumbe, ao professor moderno, planejar cuidadosamente suas aulas de modo a apresentar a matéria

(2) O azar do P. M. P. chega ao máximo, nessa hora, quando um aluno, mais saliente e bastante importuno, protesta: — "Numerais nós já demos, professor! O senhor já ensinou!" É claro que o P. M. P. não havia ensinado coisa alguma. Pura maldade do aluno.

(3) No Museu de Londres existe uma página do *Diário de Bordo* do Almirante Horácio Nelson, no qual, esse herói de Abukir e Trafalgar, escreveu: "Foi hoje o dia mais feliz de minha vida. Pela primeira vez vi uma sereia".

(4) Veja o leitor, na obra do Sr. Lauro de Oliveira Lima, *Apostilhas* (Prefácio) as tolices e disparates, escritos, em tom muito sério, por um professor cearense que é contrário ao sistema do *caderno dirigido*. Vê-se que esse mestre, de Quixadá, já viu muitas sereias nos verdes mares bravios do Ceará, mas nunca viu um *caderno dirigido*, feito com absoluta técnica. O *distinto* (como diria o humorista Stanislaw Ponte Preta), fala em coisas que ele nunca praticou, nunca viu e desconhece completamente. É lamentável! Ele ignora, certamente, que o Prof. Tales Mello Carvalho, um dos maiores didatas da Matemática, adotava o *caderno dirigido*.

(5) Os principais procedimentos didáticos (obsoletos, clássicos e modernos) são minuciosamente estudados no livro *Didática da Matemática*, Ed. Saraiva, dois volumes.

em termos de objetivos valiosos e de atividades interessantes, capazes de aliciar a atenção dos alunos e engajar o seu interesse em trabalhos fecundos e proveitosos de aprendizagem. Incumbe-lhe, também, criar, em suas aulas, um ambiente estimulante e sadio de compreensão, boa vontade e colaboração. A consecução destes objetivos dependerá muito da atitude fundamental de compreensão humana e de simpatia com que o professor se dedicar ao seu trabalho(6).

O verdadeiro P.M.P. não planeja a aula, não prepara a lição e zomba, com refinadíssimo sarcasmo, do colega caprichoso que se orienta por um roteiro. Na opinião do P.M.P. o roteiro de aula é tolice, infantilidade. Para quê roteiro? Para quê? Os alunos são uns bôbos, não prestam atenção em coisa alguma. O ideal mesmo é a improvisação. (7)

Há professores tão descuidados e tão displicentes, que não tomam conhecimento nem mesmo do tema da aula que pretendem dar a uma certa turma. E, no entanto, a escolha do tema da aula é assunto de alta relevância em Didática. Os ensinamentos da Prof.^a Irene de Mello Carvalho devem merecer a atenção dos estudiosos:

"O tema da aula, como sabemos, deve ser uma "subunidade", ou parte desta, isto é, uma porção de matéria que tem, embora em escala mais reduzida, os mesmos requisitos da verdadeira "unidade": a) deve ser um aspecto valioso, significativo da matéria; b) deve constituir um todo homogêneo (*significação e homogeneidade*).

A aula não pode ter como tema central assuntos irrelevantes, questiúnculas bizantinas, aspectos secundários do programa, de valor meramente informativo. Por outro lado, não pode ser um aglomerado de idéias sem íntima relação entre si. O aluno necessita sentir que valeu a pena assistir àquela aula, quer pela

(6) Cf. LUIZ ALVES DE MATOS, *Símula de Didática*, pág. 291.

(7) Eis o que decorre da improvisação no ensino de uma língua: "... da improvisação decorre o não-encadeamento lógico e claro de nossas idéias, e o perdermo-nos em palavras, que pouco fazem pela nossa expressão exata. Permitir o repentismo, e a improvisação, é deter os alunos nos chavões e limitar suas expressões aos lugares-comuns". Cf. PROF.^a MARIA DE LOURDES C. MARTINI, *E. S.*, n.º 1, pág. 39.

importância mesma do assunto, quer pela forma sistemática e orgânica pela qual lhe foram apresentadas as suas idéias fundamentais”.

Em alguns casos, momentos antes da aula, o P.M.P. passa rapidamente os olhos no livro-texto, para recapitular algumas noções que já estão “meio esquecidas”. Vimos, certa vez, na sala dos professores, depois do café, um P.M.P. lendo um livro.

— Que é isso? — estranhamos.

Respondeu-nos o P.M.P., com a maior naturalidade:

— Vou dar, agora, uma aula de Corografia sobre Goiás. Estou relendo o Veiga Cabral ⁽⁸⁾.

— Mas é uma edição muito antiga — observamos —. Tudo, em Goiás, já mudou.

— Não tem importância — revidou logo o P.M.P. — Na minha turma não tenho nenhum goiano. Posso falar à vontade.

E, sempre de livro aberto, perguntou-nos:

— Como se chama mesmo o rio que banha Goiânia? Não encontrei o rio do nome dêsse rio neste livro. Afobação minha. O rio que banha Goiânia...

Ajudamo-lo com muito prazer:

— É o famoso rio Meia-Ponte. Segundo uma lenda muito interessante, o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno, apelidado *Anhangüera*...

Nesse momento bateu o sinal e a nossa explicação, com a lenda do Meia-Ponte, ficou inacabada. O P.M.P. pegou o seu livro de chamada, agarrou a sua pasta e foi para a sala assacar contra os míseros educandos, a sua aula improvisada! Pobres alunos! Pobre Brasil! ⁽⁹⁾

O famoso Comenius, em sua *Didática Magna* (cap. XIX, v. 33) recomendava:

“Convém que tudo esteja preparado de ante-mão, para que seja menor o perigo de errar e maior o tempo consagrado ao ensino”.

(8) O Prof. Veiga Cabral é autor de vários livros didáticos elementares que tiveram larga divulgação no Brasil.

(9) Cada professor, tendo em vista as suas possibilidades e os recursos do ambiente onde vive e leciona, compete programar seus planos de curso e de unidade prevendo todas as possibilidades construtivas. Cf. Prof. JAMES B. VIEIRA DA FONSECA, *Escola Secundária*, n.º 14, pág. 102.

CAPÍTULO III

O PROFESSOR E O ROTEIRO DA AULA

Como deve agir o professor. A consulta ao roteiro. A maneira de consultar o roteiro. Como agem os professores nulos, rotineiros e despreparados.

Algumas observações poderão ser feitas sobre esse problema do roteiro da aula.

Notável professor era o Padre Leonel Franca, S. J. Não haveria exagero algum em apontá-lo como um verdadeiro sábio. Pois bem. Em caso algum, o Padre Leonel Franca seria surpreendido dando uma aula, mesmo no Curso Secundário, sem ter na mão, ou sobre a mesa, o seu roteiro. E convém insistir: O Padre Leonel Franca era um professor de cultura excepcional.

Deve o professor consultar com frequência o seu plano ou roteiro de aula? Eis um assunto sobre o qual os bons didatas divergem. A professora Irene de Mello Carvalho oferece-nos uma opinião muito clara sobre o problema:

“Este assunto é dos mais controvertidos. Pessoalmente julgamos que somente em casos excepcionais (por exemplo: condições precárias de saúde do mestre; tema da aula muito complexo, que exija numerosos dados informativos, etc.) se justifica a consulta sistemática e ostensiva, à ficha que contém o plano. Esta, porém, deve ficar ao alcance do professor, para que ele a consulte discretamente, na hipótese de

ter uma falha de memória que possa, realmente, prejudicar a boa seqüência da aula”.

A ilustre educadora faz sentir que o professor não deve exagerar êsse sistema de consultar, a cada instante, o roteiro. E apresenta outra face interessante do problema:

“Contra a aula dada com excessivas consultas ao plano, há ainda outro forte argumento: o professor perde o contacto visual com a turma cada vez que olha a ficha. Isso prejudica bastante a motivação, porque não favorece a comunicabilidade espontânea entre quem fala e quem ouve, como aliás se pode observar nas conferências ou palestras escritas previamente e lidas na ocasião”⁽¹⁾.

A consulta ao roteiro deve ser feita de maneira discreta e não continuamente, pois quando os alunos não estão esclarecidos e bem orientados sobre a finalidade do roteiro, julgam que o professor não conhece a matéria.

No fim de algum tempo os adolescentes percebem que os professores mais seguros na matéria, mais eficientes e esclarecidos, são precisamente os que mais se utilizam do roteiro. Os professores nulos, despreparados, são, em geral, improvisadores⁽²⁾.

O professor Luís Alves de Matos, da Faculdade Nacional de Filosofia, arrasa impiedosamente o P.M.P. rotineiro e improvisador:

“Rotina e improvisação, afirmo com a maior segurança, são os dois flagelos que maiores prejuízos causam às safras do sistema escolar. Sob o guante da rotina e da improvisação o ensino deixa de ser aquela atividade racional, metódica e conscienciosa que deveria ser, para tornar-se uma deplorável contração ou caricatura grotesca”⁽³⁾.

(1) Cf. IRENE DE MELLO CARVALHO, *Curso de Técnica de Ensino Para Docentes de Escolas Superiores*. Apostilha, Rio, 1958.

(2) Ensina o Professor Rafael Grisi: “Não é aconselhável ao professor consultar, repetidamente, durante a lição, fichas, apontamentos, apostilhas ou qualquer espécie de lembretes”. E, a seguir, o professor Grisi indica as exceções. Cf. RAFAEL GRISI, *Didática Mínima*, São Paulo, 1963, 5.^a ed., pág. 2.

(3) Cf. MATTOS, O., 37.

A Prof.^a Maria Ferri Soares Veiga, do Instituto *Fernando Costa*, em suas notáveis *Apostilhas*, equaciona o problema em termos de absoluta clareza e segurança:

“Um ponto importantíssimo para a obtenção de uma liderança verdadeira em classe é o ambiente de trabalho. Uma classe em que se desenvolve trabalho organizado e bem planejado é ambiente favorável no desenvolvimento do ensino.

Isto significa que o professor deve estar em classe a tempo, com o material previamente preparado em ordem, com seu plano bem estabelecido, de sorte a poder realizar com calma um ensino eficiente”.

Aos seus auxiliares, recomendava o Prof. Lauro de Oliveira Lima:

“Não trabalhem sem um plano: até os irracionais seguem um plano. Ter plano é ser providente e racional”⁽⁴⁾.

O plano de aula, ou melhor, o roteiro, vale para o professor no seu largo velejar pelos mares do ciclo docente, como um bom timoneiro:

Já disse o poeta pernambucano Araújo Filho:

*Tendo, assim como eu tenho, um bom timoneiro
Não temo as procelas dos mares do mundo*⁽⁵⁾.

(4) Cf. LIMA, A., 126. Sobre a importância do plano de aula, indicamos: Virgínia Côrtes Lacerda, “*Das Unidades Didáticas à Unidade da Vida*”, Rio, 1691, pág. 71 e segs.

(5) Cf. ARAUJO FILHO, *O Pássaro do Sonho*, Recife, 1955, pág. 119.

terial de ensino adequado, tanto à classe como à matéria de ensino ⁽⁵⁾.

A motivação exige o concurso da atenção, do esforço, da auto-disciplina, da força de vontade, do interesse, etc. ⁽⁶⁾

NOTA 1 — Não deve o mestre forçar a atenção do aluno pela imposição ou mesmo, exasperação, mas pelo interesse que deve despertar a matéria a desenvolver.

Uma tonalidade de voz mais suave, uma anedota ocasional, uma referência a um fato que seja do conhecimento geral, são recursos que, com mínimo de esforço, dão ótimos resultados para atrair a atenção da classe. Para ser professor é preciso ser professor sob todos os ângulos; é preciso possuir conhecimentos, e também conhecer a arte de transmitir com eficiência esses conhecimentos.

O aluno deve se manter atento à palavra do mestre pelo interesse que essa palavra desperta e não pelo temor que a presença do mestre possa inspirar. Cf. CELY ARAUJO e CECY P. DOMNELLI, *R.E.*, maio, 1952, pág. 40.

NOTA 2 — Eis três interessantes conceitos sobre motivação:

— Qualquer motivação, mesmo a negativa, é preferível ao regime da nenhuma motivação (Luiz Alves de Mattos).

— Há sempre motivos, em estados latente, na alma do educando. A tarefa do bom professor será descobrir esses motivos, avivá-los, dirigí-los e aproveitá-los com maior eficiência (Jamil El-Jaick).

— O fator mais importante da motivação: O Professor (O. A. Penteado Júnior).

CAPÍTULO XXXIII

FUMAR EM AULA

O P.M.P. sente prazer em fumar em aula diante dos alunos.

Essa questão do professor fumar, ou não fumar, tem sido largamente debatida nos meios educacionais. Para aqueles que colocam a educação dos adolescentes abaixo da instrução, é claro que o professor terá ampla liberdade de acender o seu cigarro, ou saborear o seu charuto, diante dos educandos, com a maior desfaçatez do mundo.

Acham alguns que a proibição do fumar só deve atingir os professores dos Cursos Primário e Médio; nos Cursos Superiores a liberdade de fumar seria completa, não só para os professores como para os alunos. Há professores catedráticos que fazem as suas eruditas preleções de cachimbo na bôca ⁽¹⁾.

Nesse ponto sentimos discordar integralmente da opinião dos mestres rotineiros e deseducadores. Somos apologistas da proibição radical: O professor, sendo antes de tudo um educa-

⁽⁵⁾ Convém ler o artigo da Professora Maria Nadyr de Freitas, *E. S.*, n.º 15, pág. 4.

⁽⁶⁾ Cf. NAZARETH SUTINGA, *Psicologia da Aprendizagem*, Rio, 1964, pág. 92.

⁽¹⁾ Para muitas pessoas o fumar constitui um hábito. Há fumantes que fumam, inconscientemente, sem parar. Que é um hábito? Ensina a Professora Iva Waisberg (*Elementos de Psicologia*, 1956, 2.ª ed., pág. 48): "O hábito é uma reação automática adquirida e estereotipada pelas repetições de situações idênticas com reforçamento da mesma sede de integração nervosa". Mas o fumar, mesmo sendo um hábito, é mau; cumpre ao bom educador corrigir-se desse mau hábito.

dor, não deverá, em caso algum, praticar a ação desprezível de fumar diante de seus alunos e não deverá permitir, sob pretexto algum, que os alunos fumem durante os cinquenta minutos da aula.

Se um desbriado P.M.P., no Curso Médio, fuma em aula é porque o diretor, não sendo um educador modelar, permite que seu auxiliar tenha, na presença da turma, esse procedimento incorreto.

O fumar, em aula, é atitude de verdadeiro desrespeito, de absoluta irreverência à função. Pode ser muito elegante, bossa-nova, mas foge aos ditames da boa educação. Negar essa assertiva seria prova, não de candura, mas de integral parvoíce. Pode ser cômoda e agradável para o fumante, mas não é correto, nem admissível, dentro dos princípios da Ética Profissional do Professor.

Esse mesmo P.M.P. displicente, que não trepida em fumar no decorrer de sua aula, na presença até do diretor, seria incapaz de acender o seu cigarro, e soltar algumas baforadas, dentro de uma igreja, durante a Santa Missa. Ele sabe muito bem que os católicos presentes não tolerariam aquela atitude de achincalhe do desclassificado cafajeste. O fumante seria expulso do recinto sagrado e correria o risco de receber o merecido castigo físico, alguns trancos e bofetões.

Qual o motivo da expulsão?

Não há outro: O ato desrespeitoso de fumar.

Sabemos que em muitos carros, ônibus, elevadores, cinemas e em várias cerimônias ou solenidades cívicas o fumar é totalmente vedado. Por que não estender essa proibição moralizadora à sala de aula?

O diretor de um ginásio, eversivo das normas educacionais, que permite ao P.M.P. fumar, com total descaramento, diante dos adolescentes, não será, com certeza, um *Perfeito Bom Diretor*. Sem receio de errar podemos apontá-lo como um *Perfeito Mau Diretor*.

Em Uberaba, durante um Curso da CADES ⁽²⁾, sob a nossa orientação foi designado para lecionar *Português* um catedrático, auto-didata, sem concurso, da Faculdade de Filosofia daquela próspera cidade mineira. Professor com trinta anos de rotina e meio século de atraso em Didática, esse catedrático tinha atitudes deploráveis:

- 1) Lecionava pelo método da preleção simples, sem visualização no quadro-negro (pura salvação);
- 2) Dava aula sentado (um aluno escrevia no quadro-negro);
- 3) Achava que, para ele (catedrático), seria uma indignidade o uso do avental;
- 4) Fumava, durante a aula, diante dos alunos-mestres.

Em prévio encontro com esse eminente colega, fizemos sentir, com argumentos irresponsáveis, que o seu procedimento didático (digno de um P.M.P.) era totalmente errado, e pedimos que o ilustre filólogo uberabense, durante o curso da CADES, sob a nossa orientação, não adotasse os métodos obsoletos e anti-didáticos que ele punha em prática com tanto *brilho* na Faculdade de Filosofia. Fizemos sentir que, ele se abstinisse de fumar diante dos alunos-mestres (explicamos os motivos). E' claro que batido o sinal, terminada a aula, o erudito mestre iria para a sala dos professores e ali, em companhia dos colegas, refestelado numa poltrona, depois do clássico *cafézinho*, poderia fumar, à vontade, vinte cigarros e dez charutos. O orientador nada teria a ver com isso.

Durante a aula, porém, declaramos, o fumar não seria permitido. Aconselhamos, também, que adotasse, no ensino, o método eclético, com visualização no quadro-negro. Nada de dar aula sentado com aluno auxiliar no quadro-negro! Esse método é obsoleto, condenado pelos bons didatas.

Prometeu o insígne mestre da Filosofia que não deixaria de atender às nossas justas e razoáveis recomendações. Só não concordava (declarou logo), com o uso do avental, pois ele

(2) Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

era professor há mais de trinta anos e nunca havia dado aula de avental. Achava feio e deselegante. Principalmente deselegante. (O preclaríssimo filólogo tinha em muita conta a sua linha impecável de cinquentão enxuto!).

Um dia, porém, sem que o conspícuo filólogo uberabense esperasse, fomos observá-lo em trabalho de classe, e tivemos o desprazer de surpreendê-lo dando aula sentado, com o cigarro aceso na boca e um aluno-mestre, no quadro-negro, escrevendo frases. Era assim que ele estava habituado a lecionar os adolescentes da Faculdade de Filosofia. O flagrante deixou-o perturbado. A sua vergonhosa quebra de Ética era evidente. O insigne auto-didata, num gesto rápido, tirou o cigarro da boca e escondeu-o na gaveta da mesa e levantou-se. Teve a mesma atitude pueril, que teria um adolescente, imaturo, ao ser apanhado em falta pelo inspetor escolar.

Nesse mesmo dia lavramos a demissão do erradíssimo catedrático que não mais trabalhou na CADES, sob nossa orientação.

E' muito difícil, ou quase impossível, vencer a rotina.

Citemos, a tal respeito, um fato muito curioso.

No dia 7 de maio de 1965, fomos ao Externato do Colégio Pedro II à noite, assistir a uma conferência do Prof. Newton Sucupira, da Faculdade de Filosofia do Recife ⁽³⁾. O tema da conferência envolvia os problemas fundamentais da Educação. Ao passar por uma das salas do venerando colégio, sala toda iluminada, na qual se achava uma turma de adolescentes em aula, vimos uma cena surpreendente:

Um professor dava aula, ou melhor julgava ensinar e educar os jovens, da seguinte maneira:

- 1) estava sentado, na cátedra, com a perna direita dobrada e o joelho levantado e apoiado na mesa;

(3) A conferência do ilustre catedrático pernambucano foi lida, numa toada monótona, do princípio ao fim. Ao deixarmos o salão de honra, ouvimos um catedrático do Colégio Pedro II comentar: — "Conferência lida? É incrível! Esse homem ainda está no período paleolítico da conferência lida! Ele não sente, não percebe, que isso é chatíssimo!"

Mas, ao terminar a tal conferência (lida), o orador foi altamente elogiado pelo Dr. Wandick da Nóbrega, Diretor do Pedro II.

- 2) estava de mangas de camisa (a camisa sujíssima);
- 3) tinha um cigarro na boca;
- 4) ditava aos alunos, a matéria da aula, lendo um livro;
- 5) não dava a menor atenção aos educandos;
- 6) agia contra todos os preceitos da Didática e da Ética Profissional do Professor.

No fundo da sala, jovens adolescentes (môças e rapazes) inteiramente indiferentes aos "elevados" ensinamentos ditados pelo mestre, namoravam descaradamente. Alguns pares estavam de mãos dadas e trocavam as mais ternas e encantadoras juras de amor. De amor eterno, é claro!

Esse fato foi observado no Externato do Colégio Pedro II, que é aliás, apontado como um *Colégio Padrão*, o estabelecimento que, na obra educacional, deve servir de exemplo a todos os educandários do Brasil.

Observa a Prof.^a Juracy Silveira, ao analisar a obra nefasta dos rotineiros:

"Ensina-se como se vem fazendo há muito tempo. Ensina-se como se aprendeu ou como se supõe que se tenha aprendido" ⁽⁴⁾.

(4) Cf. JURACY SILVEIRA, *A Leitura na Escola Primária*. Com prefácio do Prof. Lourenço Filho, Rio, 1960, pág. 33.

CAPÍTULO XXXIV

O P.M.P. E O ENSINO SUPERIOR

Orde podemos encontrar grande número de autênticos P. M. Ps. é nas escolas superiores e, especialmente, nas Faculdades de Filosofia.

Tomemos, por exemplo, o caso de um médico.

Para exercer a sua profissão de médico, o Ministério da Saúde obriga-o a tirar o Curso de Medicina. Esse médico ingressa depois, na Congregação da Faculdade de Medicina, passa a ser um professor, um catedrático, e entra a exercer o magistério sem estudar as noções mais elementares de Didática.

O Ministério da Educação deixa-o exercer um cargo técnico (o de professor) para o qual ele (o médico) não se habilitou. Ele vai ensinar o que aprendeu de acordo com os métodos mais rotineiros, isto é, como aprendeu.

O que dissemos, em relação ao médico, poderíamos repetir, *mutatis mutandis*, em relação aos engenheiros, aos bacharéis em Direito, aos químicos, aos farmacêuticos, etc.

O Prof. Everardo Backheuser (que foi um auto-didata) observa:

Apenas para o professor superior não se exige, no Brasil, preparo pedagógico especializado. Requerem-se, tão somente conhecimentos profundos da ma-

téria a cujo lecionamento os candidatos se propõem, e, quando muito se lhes pede no concurso de provas, uma preleção sobre ponto sorteado, a que dão o nome de prova didática. Cifra-se a essa "prova didática" a uma preleção, a que uns regulamentos concedem 24 horas de preparo prévio e outros exigem seja realizada imediatamente após o sorteio do ponto (1).

Assegura o Dr. Backheuser que para o ingresso no Magistério Superior é exigida do candidato uma prova a que dão o nome de prova didática. Essa tal prova didática, nos concursos para ingresso no magistério, é uma vergonha, um verdadeiro escárnio assacado impunemente contra a Didática.

Na nossa opinião, essa pseudo-prova didática devia ser chamada "prova de preleção" ou "prova de exposição" ou ainda, "prova de erudição". Mas nunca prova didática, pois de Didática não apresenta nem o mais leve traço.

Já tivemos ocasião de assistir a dezenas de provas didáticas em várias Faculdades e no Colégio Pedro II, e todas elas eram vergonhosamente anti-didáticas.

Na Faculdade Nacional de Filosofia, fomos, certa vez, convidados a assistir a prova didática de um concurso para catedrático.

O candidato ao desenvolver o ponto, sorteado com vinte e quatro horas de antecedência, apresentou uma aula, pelo método da preleção simples, com visualização no quadro-negro. (Meio século de atraso em Didática) Cometeu, no decorrer dos cinquenta minutos, erros gravíssimos de Didática — erros que o Prof. Luís Alves de Matos considera imperdoáveis.

Um colega, que estava a nosso lado, acompanhando a chatíssima preleção, perguntou-nos em voz baixa:

— Que nota o senhor, como professor de Didática, daria a esse candidato?

Respondemos:

— De acordo com os ensinamentos de Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Luís Alves de Matos, Imideo Giuseppe Né-

(1) Cf. EVERARDO BACKHEUSER, *O Professor*, Rio, 1946, pág. 28.

recuperação. Mas, ai do conformista! Tenhamos medo da máscara do cinismo que encobre a amargura da insatisfação, a tragédia da insegurança!

O insucesso repetido traz deformação mental e desintegra o caráter. A plasticidade do jovem é grande, mas tem seus limites (1).

Pela sua ação perniciosa o mau professor afasta o aluno da escola. E o papel que a escola desempenha, na vida de uma nação, é de um valor incalculável. Meditemos sobre estas palavras de Fernando Azevedo:

“Se a escola, por si, não faz a nação, ela não serve, apenas, para aumentar a riqueza material e moral do país e despertar a consciência nacional, mas também para unir, como um poderoso foco de assimilação, em que as diversas classes de populações vêm atenuar ou dissolver as suas diferenças. E’ por ela — se não perdeu a consciência do seu papel nacional — é sobretudo por ela que se guardam as tradições morais, a música e as canções que são transmitidas de uma geração a outra e em que palpita a alma de um povo; é por ela que se mantém a continuidade de tradição, na história viva de todos os acontecimentos de nosso passado que faz a força nacional e na curva de cuja evolução se podem encontrar as diretrizes de uma política verdadeiramente nacional; é por ela, sobretudo, que o Estado pode edificar, em bases cada vez mais sólidas, a consciência comum da nação, fazendo concordar a voz da escola com a voz da Pátria e preparando-nos para justificar as palavras de MAZZINI: “um povo que guarda as lembranças, a esperança e a fé, dorme o sono do leão” (2).

E escreveu Jorge de Lima, o grande poeta alagoano:

— *E tais coisas não há quem as defina* (3).

(1) Cf. MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT, *O Adolescente na Escola*, in *Cadernos de Orientação Educacional*, n.º 17, CADES, M. E. C., págs. 8/9.

(2) Cf. FERNANDO AZEVEDO, *A Unidade Nacional e a Educação*, in *Revista Brasileira de Estatística*, Out., 1941, pág. 879.

(3) Cf. JORGE DE LIMA, *Invenção de Orfeu*, com prefácio de João Gaspar Simões, Rio, 1952, pág. 186.

ÍNDICE DE AUTÔRES, PROFESSÔRES, POETAS E EDUCADORES CITADOS

(Os números indicam as páginas)

- ABOUD (Ahmed), 54.
 ABRANCHES (Dunche de), 104.
 ABU-MERHY (Nair Fortes), 65.
 ADOLINO (Mons. José), 14.
 AGOSTINHO (Santo), 17.
 ALBUQUERQUE (Medeiros E), 57.
 ALCANTARA (Sônia Maria da Rocha), 94.
 ALENCAR (José de), 96, 97.
 ALIGHIERI (Dante), 38.
 ALMEIDA (Manuel Antonio de), 97.
 ALMEIDA (Prisciliana Duarte de), 52.
 ALVARENGA (Plínio), 15.
 ALVES (Castro), 37, 79.
 AMADO (Gildásio), 9.
 AMORIM (Arlete Leão do), 94.
 ANÍSIO (Mons. Pedro), 81.
 ARAÚJO (Celv), 110.
 ARAÚJO FILHO, 79.
 ARCHÊRO JÚNIOR (Aquilles), 80, 81.
 ATHAYDE (Tristão de), 11, 13.
 AZEVEDO (Fernado), 122.
 AZEVEDO FILHO (Leodegário Amarante), 51.
 BACKMEUSER (Everardo), 29, 30, 116; 117.
 BARBOSA (Ruy), 14, 39, 79.
 BASTOS (Moura), 46.
 BAUZER (Riva), 75, 76.
 BELO (Belinha), 34.
 BERNARDES (Florestan), 76.
 BILAC (Olavo), 79.
 BITTENCOURT (Raul), 105.
 BONAPACE (Adolphina Portela), 37.
 BOSCO (São João), 98.
 BRASIL (Leão Magno), 55.
 BRIQUET (Raul), 43, 63.
 BRITO (Mario), 35.
 BRITO (M. F. do Nascimento), 119, 120.
 BRUNO (Júlio), 55, 105.
 BUCHON (Consuelo Sanchez), 93, 94, 98.
 BUCK, 107.
 BUENO (Silveira), 47.
 BUJANO, S. J. (J.), 54.
 CABRAL (Veiga), 22.
 CAMPOS (Antônio Caetano de), 41.
 CAMPOS (Humberto de), 41.
 CARDOSO (Ofelia Boisson), 15, 96.
 CARNEGIE (Andrew), 7.
 CARVALHO (Irene de Mello), 21, 23, 24, 77, 78, 108.
 CARVALHO (Thales Mello), 20.
 CASCUDO (Luiz da Câmara), 14.
 CASTRO (Gentil Bernardo de), 83.
 CAVALCANTI (Djalma), 76.
 CAVALCANTE (Mario), 14.
 COHEN (A.), 54.
 COMÊNUS (João Amós), 22, 65.
 COSTA (Henrique Cesar de Oliveira), 72.
 COUTO (Miguel), 16.
 CUNHA (Euclides da), 37, 66, 79.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	9
Ao leitor	7
Este livro e a Verdade	11
Conceitos e afirmações	13
I — A arte de ser um P.M.P. e a sua origem	17
II — A Improvisação e o ensino do P.M.P.	19
III — O Professor e o roteiro da aula	23
IV — O P.M.P. e as relações sociais	26
V — Assiduidade e pontualidade	28
VI — A atividade improdutiva do Mau Professor	31
VII — Programa incompleto da matéria	35
VIII — O Mau Professor e a correlação entre as matérias	36
IX — O livro-texto e a incultura do P.M.P.	38
X — A cultura geral de um Professor	42
XI — A rotina e o mau Professor	44
XII — A severidade excessiva com os alunos	48
XIII — O desrespeito ao aluno	50
XIV — O nome do aluno	53
XV — Dois extremos deploráveis do P.M.P.	56
XVI — O problema das reprovações	59
XVII — O mau Professor contador de anedotas ...	63
XVIII — O problema dos trajes do Professor	66
XIX — A classe e a vida íntima do Professor	69